

COSERIU, Eugenio. *Introducción a la Lingüística*. Madrid, Gredos, 1986. 2ª ed. revista pelo autor e preparada por José Polo, 178 p. A 1ª ed. foi publicada em 1983 pela Universidade Autónoma do México.

Este livro nos causa de início dupla surpresa. A primeira é, por assim dizer, a “desatualização” bibliográfica: o livro mais recente arrolado data de 1950. Nada, portanto, de Gramática Transformacional, nem de Sócio-, Psico- ou Etnolingüística, nem de análise do discurso, nem de outras novidades pós-saussurianas. E isso num Mestre que está sempre em dia com as correntes mais importantes do pensamento lingüístico. A segunda surpresa está precisamente no inverso: a atualidade dos conceitos e das críticas presentes no trabalho. Tal constatação é de especial relevância, pois vale como demonstração de que o pensamento que atua com profundidade, isto é, que vai às raízes dos problemas, se situa numa região do saber incólume às variações superficiais, que agitam sem construir. Distorção já condenada por Jacques Maritain, quando advertiu contra a *cronolatria epistemológica**. Portanto merece todos os aplausos a insistência do Prof. José Polo no sentido de que o Dr. Eugênio Coseriu consentisse numa republicação do livro, para maior difusão. A 1ª ed. saiu mimeografada e se destinou aos alunos de Lingüística do Instituto de Professores “Artigas” de Montevideú. A 1ª ed. *impresa* veio a lume em 1983, como está acima. Referindo-se à data de 1951, o Prof. Juan M. Lope Blanch, da Universidade Nacional Autónoma do México, em nota de apresentação da edição de 1983, escreveu o seguinte, que reproduzimos com plena adesão:

Trinta anos depois, conserva todo o seu valor, coisa singular em nossa época, tendente a improvisações e a retificações ou aos repúdios conseqüentes. O que foi conceituado e bem feito mantém sua louçania através dos anos. É o caso desta obra.

E é o que pretendemos comprovar com algumas transcrições desta luminosa *Introdução*.

Vejamos algumas definições. Lingüística:

é a ciência que estuda de todos os pontos de vista possíveis a *linguagem humana articulada*, em geral e nas formas específicas em que se realiza, quer dizer, nos *atos lingüísticos* e nos sistemas de isoglossas que, tradicionalmente ou por convenção, se chamam *línguas*. (p. 11)

E agora sobre a Filologia:

Em sentido estrito, por *Filologia* se entende hoje comumente a *crítica dos textos* e, em um sentido mais amplo, a *ciência de todas as informações que se deduzem dos textos*, especialmente antigos, sobre a vida, a cultura, as relações sociais e familiares, econômicas, políticas e religiosas, etc., do ambiente em que os próprios textos se escreveram ou a que se referem. (p. 13)

E, procurando melhor distinguir uma de outra:

Em conclusão: a Filologia ainda baseando-se em textos que podem ter também interesse lingüístico, ocupa-se, em geral, com *atos de história*, especialmente antiga e especialmente social e cultural (literária), ao passo que a Lingüística ocupa-se com *atos de língua*, ou, mais propriamente, com *linguagem*. (p. 15)

Temos a seguir, muito bem delineada, a afortunada noção de competência lingüística:

Tal sistema (a língua) não existe apenas concretamente, quer dizer, como sistema de atos lingüísticos comuns efetivamente registrados, mas também virtualmente, na consciên-

* “En s'inquiétant de la vérité et en saisissant la vérité l'esprit transcende le temps. Faire passer les choses de l'esprit sous la loi de l'éphémère, qui est celle de la matière et du pur biologique, faire comme si l'esprit était soumis au dieu des mouches, voilà le premier signe, le premier symptôme majeur de la maladie dénoncée par saint Paul”. (Le paysan de la Garonne: 28)

cia dos falantes pertencentes a uma comunidade, como memória de atos lingüísticos precedentes e possibilidade de produzir segundo seu modelo novos atos lingüísticos mais ou menos “idênticos”, ou seja, compreensíveis dentro da mesma comunidade. (p. 17)

Na parte final da transcrição supra, já emerge nitidamente a noção lingüística não menos venturosa de *performance*.

Rechaça, com límpidas razões, qualquer identificação entre a linguagem humana e a chamada linguagem dos animais. Na verdade

A linguagem animal seria... uma pseudolinguagem e se distinguiria fundamentalmente da linguagem do homem por não terem os seus “sinais” o valor simbólico e convencional que têm os sinais das linguagens humanas: os “sinais” animais corresponderiam antes a reações elementares que nas manifestações humanas são os *g r i t o s* e que não constituem propriamente expressão lingüística. (p. 23)

A “linguagem” animal não é convencional, nem articulada, como é próprio da natureza da linguagem humana. Isto é, o animal é incapaz de combinar unidades menores para compor (= articular), criativamente, unidades maiores.

A redescoberta hoje de uma “lingüística da parole”, quer nos desdobramentos da Pragmática, quer no franqueamento da frase, por meio de análise do discurso ou de tentativas de gramática do texto, já está claramente prevista por Coseriu, ao salientar que

O conceito de ato lingüístico – quiçá o mais importante da lingüística moderna – é ao mesmo tempo o mais complexo e, apesar de corresponder à única realidade concreta da linguagem, foi o último a ser alcançado pela investigação lingüística. (p. 28)

Nesse particular, Coseriu faz a devida justiça a um grande lingüista de nosso século, injustamente esquecido, Karl Vossler, que, com muito talento e conhecimento de causa, havia, na linha de Humboldt e de Croce, apontado as deficiências do positivismo lingüístico e posto em destaque a necessidade de ser investigado o lado criativo da linguagem.

Além disso, Vossler insistia, entre outras coisas, na importância de um fator até então ignorado pelos lingüistas: o *ouvinte*. (p. 30)

O capítulo dedicado à *língua* deve ser lido e meditado por todos os lingüistas modernos atraídos pela magia da sociolingüística. Em relação, p. ex., aos estruturalistas de estrita obediência, convém considerar a distinção básica entre a língua como *sistema*, abstração da mente humana virtualmente existente na consciência de cada falante pertencente à mesma comunidade lingüística, e a *língua histórica* (ou *idioma*, como também a chama Coseriu), realização no tempo do código subjacente à multiplicidade dos atos lingüísticos. Atente-se, pois, nestas palavras do Mestre de Tübingen:

Isto porque, na delimitação usual das “línguas” como conjuntos identificáveis e autônomos de tradição do falar (*línguas históricas* no *idiomas*), têm-se em conta não somente critérios estritamente lingüísticos, mas também critérios históricos, políticos, culturais, etc. (p. 36)

Observe-se que a expressão *língua histórica* substitui com evidente vantagem o sintagma *língua natural*, que hoje se vai divulgando.

A controvertida noção de “dialetos”, p. ex., encontra no pensamento do Prof. Coseriu clarificações metodológicas que colocam a questão nos devidos termos. Assim é corrente julgar o dialeto uma diferenciação da *língua comum* (ou *nacional*, nos tempos modernos), quando o contrário é que é o verdadeiro, particularmente no tabuleiro lingüístico europeu; ou seja, a língua nacional não passa de um dialeto enobrecido política e culturalmente. Com efeito,

a língua comum não é em sua origem senão um dialeto como os demais, de uma re-

gião ou de uma cidade, mas que, por motivos políticos, históricos ou culturais (literários), chegou a ser língua nacional, ou seja, a que se usa em todo o território considerado como língua superdialetal, ao lado das falas locais. (p. 39)

A seguir são estudados, ainda que brevemente, os casos da França, Espanha, Itália. Características próprias indica-as nos casos do dinamarquês, do norueguês, do holandês (Niederdeutsch) e do flamengo, da Iugoslávia, do romeno e do moldavo, do espanhol (castelhano) em face do galego e do catalão e até dos falares hispano-americanos (a que se poderia acrescentar o luso-americano), como o “argentino”. A respeito deste último, faz o Prof. Coseriu as seguintes reflexões, que a nós outros também se aplicam:

Por sua vez, do ponto de vista extralingüístico, o “argentino” não existe como “língua”, já que o espanhol comum continua conservando sua unidade; apesar das diferenças locais, o idioma oficial continua sendo o espanhol – um espanhol quase idêntico ao da Espanha (não obstante as diferenças de pronúncia) – e os escritores argentinos continuam escrevendo em espanhol e considerando como modelo o “espanhol castiço”. (p. 46-47)

Apenas diríamos que, situando-nos no plano da “língua histórica”, os fatores que fazem do *argentino* ainda o *espanhol* podem ser havidos como legitimamente “lingüísticos” (pois só estruturalmente é que os teríamos por “extralingüísticos”).

Mestre Coseriu não se esquivava de ir até, bem que mui concisamente, às *línguas crioulas*, tão em foco ultimamente. Tudo muito atual.

O capítulo V enfrenta problemas quentes da teorização lingüística contemporânea: língua e pensamento, linguagem e afetividade, linguagem e cultura. É claro que não poderíamos comentar *comme il faut* a segura posição do Autor em face de temas de tamanha relevância. Salientemos, porém, desde logo a sua atitude, sábia e prudente, ante a complexidade de tais *quaestiones disputatae*:

Por conseguinte, segundo a orientação filosófica (explícita ou implícita) dos lingüistas e dos teóricos da linguagem, destacam-se uns e outros aspectos, que a miúdo se consideram predominantes, em prejuízo dos restantes. (p. 51)

O Prof. Coseriu refuta com razão tais exclusivismos; tem do fenômeno *linguagem* uma concepção que poderíamos chamar “integral”. Assim, não descarta do ofício do lingüista nem o aspecto lógico, nem o psicológico, nem o social, nem o etnográfico. E mesmo um aspecto que os linguistas soem marginalizar ou desconhecer é afirmado com certa ênfase. Trata-se do aspecto cognitivo:

Mais ainda: é indubitável que a linguagem pode considerar-se como forma fundamental de nossa atividade cognoscitiva. Com efeito, nossa experiência da realidade se elabora mediante as atividades racionais do conhecer e do distinguir, e estas se manifestam nos sinais lingüísticos por meio dos quais (através de seus significados) nos referimos à realidade extralingüística como a algo “sabido”. (p. 54)

Outro ponto para o qual não podemos deixar de trazer a atenção do leitor é o do caráter “cultural” das comunidades lingüísticas. Coseriu faz aqui uma crítica bastante pertinente:

O erro em que caía geralmente a escola chamada dos neogramáticos, que dominou na Lingüística no último quartel do século passado e nos primeiros decênios de nosso século, era o de considerar a história das línguas como independente da história cultural e social dos povos ou, pelo menos, como uma história autônoma. (p. 62)

Em conseqüência, no plano semântico, as divergências se acentuam, ainda quando o signo formal (significante) é o mesmo:

Nesse mesmo sentido se fizeram estudos, p. ex., sobre a influência cristã no voca-

bulário grego transmitido depois a outros idiomas, às vezes também formalmente, porém outras vezes apenas culturalmente (semanticamente: quer dizer que se atribuiu um significado grego-cristão a palavras autóctonas); assim, p. ex., o significado especial que damos à palavra *virgem* se deve antes do mais ao ter sido referido pelo Cristianismo à mãe de Jesus. (p. 65)

E, na página seguinte:

Resulta do que fica dito que a passagem de um fato lingüístico de uma comunidade a outra se deve, pelo comum, a razões eminentemente culturais.

O que os lingüistas geralmente olvidam. Creio que o mesmo se poderia dizer de palavras como *pecado*, *virtude*.

No cap. VI, ocupa-se o Prof. Coseriu com temas de cunho sociolingüístico, tais como: comunidades lingüísticas, língua e nação, língua e raça, língua e religião. Estuda então o aspecto das línguas ditas especiais, dos tabus lingüísticos, da maior amplitude das comunidades idiomáticas relativamente às comunidades nacionais (casos do português, do espanhol, do inglês, p. ex.), da nenhuma relação entre raça e língua (“o conceito de raça nada tem que ver com o idiomático, pois não passa de um conceito biológico e não social e cultural”, p. 76). No que tange à religião, chama a atenção para a origem sacral da várias línguas. O sânscrito foi na origem a língua literária da classe sacerdotal da Índia; o que sabemos do gótico devemos-lo à tradução que da Bíblia fez o bispo Úlfilas; o que se chama paleoeslavo ou antigo eslavo eclesiástico é, em suas origens, um dialeto do búlgaro antigo empregado por Cirilo e Metódio para fins de evangelização. E até um idioma da Europa ocidental, o alemão, deve muito a motivos da mesma índole, já que o alemão literário e comum de hoje foi, em suas origens, a língua empregada por Lutero em sua tradução da Bíblia.

O capítulo seguinte, o VII, procura colocar nos devidos termos a discutida questão da sincronia x diacronia.

Saussure, como se sabe, distinguiu duas Lingüísticas, uma *sincrônica* e outra *diacrônica*. A Ling. sincrônica estuda os fenômenos da linguagem em função do *eixo das simultaneidades* e a Ling. diacrônica, em relação ao *eixo das sucessividades*. A língua, sincronicamente, é um sistema de valores que nada determina fora do *estado momentâneo* (o grifo é meu) de seus termos. Cria-se assim, ao lado da Lingüística histórica, que vinha sendo praticada, uma Lingüística sincrônica ou estática. Note-se, pois, que não são as línguas que são sincrônicas ou diacrônicas e sim a Lingüística. Ou, como diz o próprio Saussure:

É sincrônico tudo que se refere ao aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que tem relação com as evoluções. Da mesma forma *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (*Cours*. 117)

Nas suas agudas reflexões sobre a natureza da *inteligência e do instinto*, Bergson, em *L'évolution créatrice*, já havia assinalado que “a inteligência se caracteriza por uma incompreensão natural da vida”. Quer dizer, o fluxo, o contínuo, o perpétuo *mobile* não é captado pela inteligência (preferíamos dizer “razão”), que só é capaz de apreender o imoto. O fundo de energia, que tudo cria e recria, somente seria apreensível pela *intuição*. Ou, nas palavras do filósofo:

Digamos tão somente que a inteligência se representa o *vir-a-ser* como uma série de estados, cada um dos quais é homogêneo consigo mesmo e por consequência não pode mudar.

Foi o que fez Saussure: para estudar a *linguagem* imobilizou-a sincronicamente como *língua* (= *langue*). Os seus discípulos e sucessores estenderam o método à diacronia, que passou a ser mera comparação de sincronias. Com sua clara visão dos fatos, Mestre Coseriu já o havia detectado:

Por isso, a gramática histórica é, de fato, comparação entre vários sistemas estáticos ou “estados de língua”, que correspondem a uma série de momentos convencionalmente escolhidos como típicos. (p. 82)

Com isso ficou de fora aquela força vital que impulsiona as línguas, definidas por Humboldt como *enérgeia*, omissão que é erro grave, pois, como observa Coseriu, “o mudar pertence à linguagem por definição: é um fato axiomático” (p. 85). Como estudá-lo, então?

A nosso ver, complementando a sincronia e a diacronia com a História (*Sincronia, Diacronia, História* é exatamente o título de um dos mais belos estudos de Coseriu). A História se situa ao longo da verticalidade do tempo, onde coloca alguns postos de observação, de natureza econômica, política, intelectual, cultural, enfim. Depois projeta esses dados em globo sobre o tempo espacial, ou seja, sobre a faixa sincrônica de Saussure. Quando se trata de fenômenos da linguagem humana, concentra esses fatores num feixe explicativo que possa dar conta das mudanças ocorridas. É fortemente retrospectiva e fracamente prospectiva. Nessa perspectiva é que se podem colocar as buscadas causas da mudança das línguas, que Coseriu passa em revista crítica: a do *substrato étnico*, de Ascoli; a das *tendências da língua* (deriva) sustentada por Meillet; a da *descontinuidade das gerações*, também apresentada por Meillet; a do *menor esforço*, uma das mais vulgarizadas, também conhecida como da *economia da expressão*, na feição defendida por Jespersen. Ao final, teríamos de concluir com Grammont: “il n’y a pas une cause, il y en a un grand nombre”.

O Cap. VIII trata das “ciências lingüísticas”. Distingue inicialmente o Prof. Coseriu entre uma Lingüística Geral e várias Lingüísticas particulares. Compõem estas os seguintes ramos: *Fonética* (os sons da fala), *Fonologia* (os sons da língua), *Semântica* (relação entre significante e significado), *Lexicologia* (estudo das palavras, de um modo geral), *Etimologia* (estudo da história das palavras), *Gramática* (estudo descritivo e sistemático de uma língua histórica, subdividido em *Morfologia e Sintaxe*), *Estilística* (estudo dos sinais lingüísticos como sintomas e apelos). Coseriu faz ainda referência a outras disciplinas, dentre as quais convém destacar a *Geografia Lingüística*, que melhor diríamos ser um método que investiga a língua oral, particularmente a de comunidades rurais (hoje o método inclui cidades e até a modalidade culta), projetando-a em cartas geográficas que irão constituir um atlas lingüístico.

O Prof. Coseriu houve por bem abrir um capítulo, o último, para apreciar o aspecto fônico da linguagem; intitulou-o *Fonética*. É que ocupa-se aqui com os aspectos acústico e articulatório dos sons da linguagem. Descreve-os, classifica-os, seguindo um modelo tradicional, que não se acha superado, porque é continuamente utilizado. Distingue entre o valor *icástico* (imitativo, motivado) dos fonemas e o seu caráter “arbitrário”. A tendência é sempre passar do icástico ao arbitrário.

A *Introdução* possui ainda uma *Bibliografia Essencial*, uma *Nota* de José Polo, e vem enriquecida com os seguintes índices: *de Autores, de Autores e Obras, de Escolas, de Outros Nomes, de Povos e Etnias, de Nomes Geográficos, de Línguas, Dialetos, de Formas Lingüísticas e de Tecnicismos, Semitecnicismos e Conceitos Vários*.

Livro antigo. Mas como ensina!

Sílvio Elia

ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE (UFBA/FUNDESC, 1987)

O Brasil entrou atrasado no campo da Dialectologia: somente em 1965, graças ao esforço pioneiro do carioca Nelson Rossi e de sua equipa da Universidade Federal da Bahia, foi publicado o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que teve justa repercussão em todo o mundo românico.